



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DESAFIO PARA OS ALFABETIZADORES

Nanci Nunes Barroso da Silva¹
Marilene Marzari²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal compreender o processo de alfabetização das crianças que frequentam a 2ª fase do I ciclo do Ensino Fundamental, em uma Instituição Pública Estadual de Barra do Garças/MT. Além desse objetivo, outros foram definidos: conhecer a proposta de alfabetização do Estado; observar o processo de alfabetização; identificar o método de alfabetização utilizado na sala de aula; verificar a relação estabelecida entre alfabetização e letramento. A metodologia qualitativa permeou toda a pesquisa e contou com a utilização dos procedimentos de observação, entrevista semiestruturada e análise documental que auxiliaram no levantamento dos dados, para melhor compreensão do processo. Os estudos de Cagliari, Soares, Carvalho, Albuquerque, Galvão e Leal, entre outros, contribuíram para ampliar os estudos sobre o processo de alfabetização e letramento das crianças. Os resultados da pesquisa revelaram que os profissionais da educação que atuam na alfabetização ainda carecem de uma maior compreensão dos conceitos de alfabetização e de letramento. Por isso, necessitam de formação mais consistente a respeito dos fundamentos teóricos e de tarefas que contemplem a alfabetização na perspectiva do alfabetizar letrando, a fim de que as crianças se apropriem da leitura e da escrita e façam uso social delas. Percebe-se que, no exercício da prática pedagógica, ainda predomina o adiamento do letramento para depois da aquisição da leitura e da escrita. Isso ratifica a ideia de que é imprescindível que os professores se aprofundem nos estudos para desenvolver atividades que venham ao encontro do alfabetizar letrando.

PALAVRAS- CHAVE: Alfabetização. Letramento. Aprendizagem.

LETRAMIENTO Y ALFABETIZACIÓN: DESAFÍO PARA LOS PROFESORES

RESUMEN: Este artículo tiene como principal objetivo entender el proceso de alfabetización de los niños que asisten a la 2ª fase del primer ciclo de primaria en una institución pública de Barra do Garças-MT. Más allá de este objetivo se definieron otros: La propuesta de alfabetización del estado; Observar el proceso de alfabetización; Identifica el método de alfabetización usado en el aula; Comprobar la relación entre alfabetización y letramiento. La

¹ Acadêmica concluinte do Curso de Pedagogia - Licenciatura – Docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia-FACISA-Barra do Garças- MT. E-mail: nancinunesbarroso@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Professora Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia – FACISA e no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica – CEFAPRO de Barra do Garças/MT. Email: marilenemarzari@gmail.com



metodología cualitativa impregnó toda la investigación y el uso de la observación, entrevista semiestructurada y análisis documental que hayan contribuido a los datos de la encuesta para mejor entienden el proceso de alfabetización. Estudios de Cagliari, Soares, Carvalho, Albuquerque, Galvão y Leal, entre otros, contribuyó a ampliar los estudios sobre alfabetización y letramiento de los niños. Resultados de la encuesta revelaron que los profesionales de la educación que trabajan en alfabetización todavía necesitan una mayor comprensión de los conceptos de alfabetización y letramiento. Así que tenemos una formación más coherente sobre los principios teóricos y tareas que incluyen la alfabetización desde la perspectiva de alfabetizar letrando, para que los niños tienen la propiedad de lectura y escritura y social. Observe que, en el curso de la práctica pedagógica, todavía domina el aplazamiento de la alfabetización para después de la adquisición de la lectura y la escritura. Esto ratifica la idea de que es vital que los docentes a profundizar en estudios para el desarrollo de actividades que cumplirán el alfabetizar letrando.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización. Letramiento. Aprendizaje.

Este artigo tem como objetivo principal compreender o processo de alfabetização e letramento das crianças que frequentam a 2ª fase do I ciclo do Ensino Fundamental, em uma Instituição Pública Estadual de Barra do Garças/MT. O tema ‘alfabetização e letramento’ surgiu a partir das observações realizadas durante o Estágio Supervisionado: “Práticas Educativas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental”, do Curso de Pedagogia, em que foi possível observar, mesmo que brevemente, a prática de alfabetização utilizada na escola-campo, bem como os desafios enfrentados pelos professores e pelas crianças, durante o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares.

As observações realizadas, durante o estágio, juntamente com os conhecimentos adquiridos a respeito de possíveis dificuldades no processo de aprendizagem e da importância de alfabetizar letrando, fizeram com que alguns questionamentos fossem levantados, principalmente em relação aos métodos de ensino utilizados, na prática pedagógica, para alfabetizar as crianças. Qual o método mais utilizado para alfabetizar as crianças? Por que alfabetizar letrando? Qual a relação entre alfabetização e letramento? A escola prioriza o alfabetizar letrando? O que os docentes conhecem sobre o alfabetizar letrando?

Esses questionamentos auxiliaram na definição do problema de pesquisa: Como se dá o processo de alfabetização das crianças que frequentam a 2ª fase do I ciclo do Ensino Fundamental, em uma Instituição Pública Estadual, localizada no Município de Barra do Garças-MT?



A hipótese é de que existe uma tentativa, por parte dos professores, de alfabetizar letrando, mas que esse processo ainda carece de uma melhor compreensão do tema e de como desenvolver atividades que visam o uso social da escrita por parte das crianças.

O objetivo geral da pesquisa consistiu em: compreender o processo de alfabetização das crianças que frequentam a 2ª fase do I ciclo do ensino fundamental, em uma Instituição Pública Estadual localizada no Município de Barra do Garças- MT. A partir dele, os objetivos específicos foram definidos: conhecer a proposta de alfabetização do Estado; observar o processo de alfabetização desenvolvido na escola; identificar o método de alfabetização utilizado na sala de aula; verificar a relação estabelecida entre alfabetização e letramento.

Para compreender melhor o tema, optou-se pela metodologia qualitativa que possibilita maior clareza nos objetivos do estudo e na obtenção de um maior número de informações sobre o objeto pesquisado. Além disso, “[...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo.” (BOGDAN e BIKLEN *Apud* LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11).

Essa metodologia permite uma variedade de procedimentos, mas neste estudo utilizou-se somente da observação, da entrevista semiestruturada e da análise de documentos. A observação auxiliou na obtenção de conhecimentos e informações sobre o processo de alfabetização, pois permitiu observar como o processo acontece na sala de aula. A entrevista semiestruturada contribuiu para entender a concepção da professora sobre o alfabetizar letrando e os métodos de alfabetização. A análise documental ajudou a entender melhor a relação entre a proposta do Estado e os objetivos estabelecidos no Projeto Político-Pedagógico - PPP - da escola para alfabetizar as crianças.

A escola pesquisada localiza-se no centro da cidade de Barra do Garças/MT e oferece o Ensino Fundamental do I ao III ciclo³, inclusive para portadores de necessidades educativas especiais, no período matutino e vespertino e a Educação de Jovens e Adultos -

³ A escola organizada em ciclos começou a ser implantada em 2000 e, ao longo dos anos, vem sendo implementada em todo o Ensino Fundamental do Estado de Mato Grosso. A organização em ciclos tornou-se uma Política de Estado, de uma Educação que contempla os ciclos de desenvolvimento humano dos alunos que frequentam o ensino obrigatório – seis a nove anos. Cada ciclo é formado por três fases sendo: I ciclo (infância – 6 a 8 anos); II ciclo (pré-adolescência – 9 a 11 anos) e III ciclo (adolescência – 12 a 14 anos). Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br>>. Acesso em: 16 out. 2012.



EJA - com qualificação profissional - no período noturno. Os alunos são provenientes do centro da cidade, de bairros vizinhos e de fazendas e/ou chácaras localizadas na zona rural.

A escola conta com uma infraestrutura formada por 10 salas de aula, todas com ar condicionado, biblioteca, sala de recursos, sala de reforço, sala de articulação, sala de informática, refeitório e uma ampla quadra de esportes. A diretora conta com o auxílio direto de duas coordenadoras, do corpo docente, de técnicos administrativos e de apoio.

1.1 ALFABETIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Para melhor compreender como ocorre o processo de alfabetização e letramento na escola pesquisada, optou-se por realizar uma breve contextualização histórica a respeito do tema, no Brasil. Para isso, foram tomados, como referência, os estudos de Cagliari (1998) que mostram que a alfabetização, desde que foi instituída pelos Jesuítas, passou por sucessivas modificações para tentar solucionar os graves problemas que envolviam a escolarização dos alunos, tanto no que diz respeito ao abandono quanto à reprovação, principalmente nos primeiros anos. Nesse contexto, predominava, no processo de alfabetização, a cartilha que relacionava letras e palavras com imagens equivalentes. A ênfase estava no ensino e aprendizagem voltados para a codificação e decodificação da língua escrita.

A partir da década de cinquenta, quando a educação escolar começou a ser ‘democratizada’, ou seja, passou a atender os filhos de uma parte significativa da população que estava excluída do acesso à escola pública, a maioria apresentava dificuldades significativas para se adaptar às exigências da educação escolar. Em função disso, as cartilhas foram sendo modificadas, para que dessem uma maior ênfase na produção escrita, em detrimento da leitura. Isso contribuiu para aumentar ainda mais os índices de reprovação nas primeiras séries do ensino primário.

Para superar essa fragilidade foram elaborados manuais para auxiliar os professores na utilização das cartilhas, em sala de aula. Assim, “Em vez de ensinar os conteúdos básicos do trabalho do professor, partem de considerações muito vagas a respeito do valor da educação, e vão, em seguida, dizendo o que o professor e o aluno devem fazer, passo a passo”. (CAGLIARI, 1998, p.28).

O referido autor pontua que, em meados dos anos cinquenta, as cartilhas e os manuais foram considerados eficientes para o ensino, embora a repetência e a evasão



aumentassem significativamente. Para melhor entender esse fenômeno, os psicólogos das universidades fizeram um estudo e concluíram que o problema estava nos alunos, principalmente os provenientes de famílias de baixa renda que não conseguiam aprender, devido à carência de estímulos, de alimentação e de motivação cultural para desenvolver a aprendizagem escolar.

Para resolver o problema, já que não era conveniente essas crianças fora da escola, foi inventado um período que precedesse a alfabetização, o chamado período preparatório, no qual as crianças seriam treinadas nas habilidades básicas até ficarem ‘prontas’ para se alfabetizarem. Sem ‘prontidão’ não se podia realizar um processo de alfabetização eficiente. (CAGLIARI, 1998, p.28)

Os exercícios repetitivos de prontidão não conseguiram resolver o problema, uma vez que: “Fazendo curvinhas, ninguém aprende a escrever nem a ler [...] aquela imensa parafernália não servia para resolver o mais importante, que era a aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças”. (CAGLIARI, 1998, p.30)

De acordo com Carvalho (2005), nos anos setenta e meados de oitenta, ocorreram diversas discussões sobre os métodos de alfabetização. Dentre esses métodos estão os sintéticos, que partem da soletração e da silabação para chegar às palavras e, em seguida, os analíticos ou globais, que partem do todo para as partes, ou seja, parte-se de histórias, textos, frases e palavras para ensinar a leitura e a escrita. Além desses, existem os métodos sintético-analíticos ou mistos, que misturam estratégias dos dois métodos e focalizam a atenção nas fases de análise e de síntese.

Os métodos sintéticos estão relacionados à forma tradicional de alfabetizar, pois priorizam a memorização, a repetição, a codificação e a decodificação da escrita. A educação das crianças se dava de maneira descontextualizada, prejudicando a prática social da escrita e da leitura. Ainda em relação à soletração e à silabação, características do método sintético, Carvalho (2005) alega que:

Tal como acontece com a soletração, o método silábico separa decididamente os processos de alfabetização e letramento assumindo o pressuposto, do qual discordo que a compreensão da leitura vem depois da aprendizagem do processo de decodificação. (CARVALHO, 2005, p. 24)

Essa concepção utiliza ainda os métodos fônicos que, ao ensinar as letras, enfatizam os sons, ou seja, a identificação dos fonemas e grafemas, pronunciando as letras, uma de cada



vez, de acordo com seu valor fônico. A autora relata que os métodos sintéticos tendem a focar a alfabetização somente na aquisição da leitura e da escrita, por meio da memorização, em prejuízo do letramento. Nessa mesma linha de pensamento, Albuquerque relata que: “O ensino tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a ‘decifrar um código’ a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, não garante a formação de leitores/escretores”. (ALBUQUERQUE, 2007, p.18)

Outros métodos, como os analíticos ou globais, iniciaram-se no país com o movimento escolanovista, na década de 1920/30, que defendia a valorização da leitura e dos livros. “A fundamentação teórica desses métodos é a psicologia da Gestalt ou Psicologia da Forma: a crença segundo a qual a criança tem uma visão sincrética (ou globalizada) da realidade, ou seja, tende a perceber o todo, o conjunto, antes de captar os detalhes”. (CARVALHO, 2005, p.32). Ainda, segundo a autora:

Sua aplicação exigiu dos professores uma mudança radical ao contrário dos métodos sintéticos, a alfabetização deveria começar por unidades amplas como histórias ou frases para chegar em nível de letra e de som, mas sem perder de vista o texto original e seu significado. (CARVALHO, 2005, p.33)

Os métodos analíticos, de acordo com Galvão e Leal (2005), possuem algumas variações, dentre as quais se encontram a palavração, bastante conhecida a partir do educador Paulo Freire, que partia de palavras geradoras retiradas da realidade concreta dos alunos para alfabetizar. Para isso, separava as sílabas e formava novas palavras, geralmente conhecidas dos alunos. É importante registrar que Freire não seguia nenhum dos métodos descritos, anteriormente, pois sua concepção de educação superava a simples aplicação de um método, pois trazia implicações políticas e críticas sobre a realidade dos alunos.

Somente na metade dos anos oitenta, segundo Carvalho (2005), iniciaram-se as discussões a respeito da psicogênese da língua escrita trazidas, principalmente, por Emília Ferreiro. Essa concepção defende a ideia de que as crianças elaboram hipóteses sobre a escrita, antes mesmo de ingressar na escola. Isso desencadeou mudanças significativas na concepção de alfabetização adotada por muitos educadores. Assim, os métodos sintéticos passaram a ser questionados, uma vez que enfatizavam mais o codificar e decodificar da leitura e da escrita.



Ferreiro tem defendido que a criança é um ser pensante que aprende sem a permissão dos adultos. Por isso, critica o ensino baseado nas cartilhas e em uma alfabetização presa a métodos rígidos:

[...] os métodos (como consequências de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento. (FERREIRO, 2001, p.30).

Essa concepção de alfabetização refere-se aos métodos tradicionais que, segundo Ferreiro (2001) desrespeita o conhecimento prévio do aluno e sua capacidade de aprendizagem. De acordo com Carvalho (2005), os estudos de Ferreiro trouxeram modificações para a alfabetização, embora muitos educadores que tentaram interpretar o construtivismo tiveram ideias errôneas sobre o processo de alfabetização das crianças, pois acreditavam que era desnecessário fazer a relação entre fonemas e grafemas e que a criança aprendia, por si só, a realizar essas relações. Essa forma de compreender gerou problemas de fracasso no processo de alfabetização e, por conseguinte, o construtivismo recebeu diversas críticas, por deixar de oferecer uma direção para realizar a alfabetização dos alunos.

Com relação ao uso de métodos na alfabetização, Galvão e Leal (2005) afirmam que eles não precisam ser totalmente rejeitados, mas necessitam ser adequados aos novos contextos sociais dos alunos:

[...] o professor necessita trilhar um caminho em que ele seja capaz de compreender que a maioria das situações de produção do discurso oral e escrito é nova e estranha aos alunos na fase inicial da alfabetização e exige novas construções e organização do professor e da professora em sala de aula. Exigem, portanto, o domínio de práticas e métodos pedagogicamente ajustados aos contextos em que, para que e porque se aplicam. (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 26)

A posição dos autores é de que os métodos precisam ser modificados pelos professores, a fim de que possam transformar sua prática educativa em benefício da aprendizagem dos alunos. Concomitante a essas discussões sobre os métodos e a psicogênese da língua escrita, Soares (2006) traz, a partir da segunda metade dos anos oitenta, questões a respeito do letramento, como possibilidade de ampliar o conceito de alfabetização. Para isso, era preciso superar a compreensão de decodificação e codificação das letras e a apropriação da escrita, para aprender a fazer uso da escrita em seu uso social.



Nesse sentido, o letramento surge como uma possibilidade de modificar a realidade da alfabetização no Brasil que, devido a práticas de ensino deficientes, produziu, ao longo da história, inúmeros analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que, ao lerem um texto, possuem dificuldades em interpretar e fazer uso da leitura.

Soares define a alfabetização como a “[...] ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, e Letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. (SOARES, 2006, p.47)

Como se pode perceber, existe uma distinção entre esses dois conceitos, mas “[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. (SOARES, 2006, p.47).

Para que isso se efetive, fazem-se necessárias condições concretas, uma vez que é indispensável ter acesso à leitura e à escrita, ou seja, a escola deve possibilitar meios para facilitar a formação de alunos letrados e alfabetizados. Em relação a isso, Albuquerque evidencia que:

[...] para a formação de leitores e escritores competentes, é importante a interação com diferentes gêneros textuais, com base em contextos diversificados de comunicação. Cabe à escola oportunizar essa interação, criando atividades em que os alunos sejam solicitados a ler e escrever seus próprios textos. (ALBUQUERQUE, 2007, p.18, 19).

Os estudos de Ferreiro (2001) não mencionam a palavra letramento, mas defendem que as práticas docentes carecem de reformas, pois é necessário que o professor entenda que a criança aprende, quando a escrita e a leitura estão associadas, pois as crianças possuem um saber trazido do seu meio social, adquirido por meio da convivência com as letras, muito antes de entrar na escola. “A língua escrita é um objeto de uso social, com uma existência social e não apenas escolar”. (FERREIRO, 2001, p.37)

A autora questiona o ensino que, por muitos anos, tratou o aluno como um receptor de conhecimentos transmitidos pelo professor. Para Ferreiro, os educadores devem olhar seus alunos por uma perspectiva diferente da tradicional, de respeito às capacidades e necessidades para desenvolver uma aprendizagem significativa:

Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito



cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (FERREIRO, 2001, p.40-41)

Isso mostra que o conceito de alfabetizar letrando fazia parte dos estudos de Ferreiro, que concebe a alfabetização das crianças no uso das práticas sociais.

Semelhante ao pensamento de Ferreiro, o método de alfabetização de adultos de Freire (1988) também deixou de mencionar a palavra letramento, mas sua concepção sobre a leitura e a escrita era associada à perspectiva crítica da realidade. Isso significa dizer que é indispensável saber utilizar-se da escrita, em seus diferentes usos sociais. Em relação à importância do ato de ler, Freire dizia que: “A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1988, p. 12). O autor se posicionava contrário à alfabetização que contemplava somente a decodificação e codificação, na qual os alunos eram vistos como pessoas desprovidas de conhecimentos. Para ele, alfabetizar envolve uma ação crítica e política e, portanto, social da escrita. Afirmava:

[...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1988, p.21)

Soares (2006) compartilha dessa compreensão e declara que o sujeito letrado pode mudar a concepção sobre o mundo que o cerca. Com isso, dificilmente permanece a mesma pessoa de quando apenas sabia decifrar um código, pois passa a ter uma visão mais significativa da realidade. Dessa maneira,

Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideais e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo a certas convenções, e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. É principalmente aprender a dialogar com os autores, refletindo sobre o que eles nos dizem e comparando as suas com as nossas próprias ideias. (CARVALHO, 2005, p.70-71)

Nessa perspectiva, Lerner (2002) diz que a sociedade vive em constantes mudanças e a educação também precisa acompanhar e se adequar às transformações, pois as exigências aumentam, tanto em relação ao uso das informações que circulam com velocidade quanto



com o uso da escrita, nas práticas sociais. Sendo assim, para que a escola possibilite a aprendizagem da leitura e da escrita para os alunos faz-se necessário:

[...] preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, para conseguir que os alunos se apropriem delas, possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam serem cidadãos da cultura escrita. (LENER, 2002, p.18)

Para compreender como a escola lida com o processo de alfabetização no I Ciclo, optou-se por analisar o Projeto Político-Pedagógico – PPP - da escola e as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso – OCs - (2010) para saber se existe relação entre a fundamentação teórica dos dois documentos. Tanto um quanto o outra trazem como referência a teoria histórico-cultural de Vygotsky, que pontua sobre a importância da interação entre os sujeitos e o contexto cultural no processo de ensino e aprendizagem. Os dois documentos objetivam, para a 2ª fase do I ciclo do Ensino Fundamental, desenvolver a leitura e a escrita, na perspectiva do alfabetizar letrando. Assim:

A escola deve trabalhar no sentido de incentivar o aluno a buscar o conhecimento por meio de pesquisas, palestras, interdisciplinaridade, projetos de trabalho, disponibilizando todos os recursos e meios didáticos de que dispõe (TV escola, vídeos, jornais, revistas, livros, etc.) mas os recursos naturais existentes na comunidade, procurando garantir aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de atuarem com competência e dignidade na sociedade em que vivem. (PROJETO POLITICO-PEDAGÓGICO, 2010, p.47)

Essa afirmação comunga das ideias contidas nas OCs, ao se referirem à alfabetização.

Com relação à alfabetização e ao letramento na perspectiva das linguagens, é imprescindível propor atividades que valorizem os conhecimentos e vivências dos estudantes e promovam um contato organizado e constante com os diferentes textos e leituras, possibilitando que a criança se aproprie, analise, compreenda e faça uso dos códigos no contexto sociocultural. (MATO GROSSO, 2012, p.16)

No que tange à alfabetização, pode-se dizer que existe consonância entre as políticas de educação do estado e o PPP da escola pesquisada. Em relação à sala de aula, a professora observada possui formação em Pedagogia e especialização em Educação Infantil. Ela atua como docente no ensino fundamental, há mais de oito anos e foi bastante receptiva em relação



à pesquisa, agindo de maneira tranquila, durante as duas semanas em que a pesquisadora frequentou a sala de aula para realizar as observações.

1.2 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

No primeiro dia da observação - trinta de agosto de 2012 - a professora realizou uma atividade que consistia na leitura de um livro infantil. Inicialmente, solicitou que as crianças se organizassem em duplas e fizessem a leitura silenciosa de um livro - escolhido por eles - dentre os que estavam à disposição, no canto da leitura – chão da sala. Depois de um tempo - meia hora - para realizar a leitura, as duplas precisavam relatar o título, o autor e a história lida.

Durante o desenvolvimento dessa atividade, observou-se que duas duplas tiveram certa dificuldade em explicar o que leram, uma vez que realizaram apenas a leitura das gravuras do livro, em detrimento do texto escrito. Diante disso, a professora pontuou para os alunos que a leitura também pode ser realizada por meio de imagens e não somente da escrita. Valorizou a iniciativa das duplas, mas recomendou que realizassem a leitura dos textos para compreender melhor a história. A intervenção da professora vai ao encontro das Orientações Curriculares da Área de Linguagens (2012), quando asseguram que: “[...] na contemporaneidade, ler consiste em atribuir significado ao objeto de leitura que pode ser um texto, uma imagem estática ou em movimento”. (MATO GROSSO, 2012, p.13). Ainda em relação à tarefa descrita, todos os alunos demonstraram familiaridade com os livros, uma vez que falavam do autor e do título da história. Tarefas como essas são, segundo Paiva e Rodrigues (2009), importantes para o trabalho com o letramento literário.

A interação com o livro é necessária ao letramento literário que envolve o conhecimento das características materiais do objeto, aspectos paratextuais que remetem à autoria, à editora, ao projeto gráfico que institui o diálogo entre as imagens e o texto verbal, enfim, a uma série de aspectos passíveis de serem experimentados somente com o contato direto com o livro. (PAIVA; RODRIGUES, 2009, p.111)

Na sequência, a professora solicitou que os alunos lessem uma historinha, em casa, e, depois, criassem um desenho que expressasse o tema da história lida. Terminou a aula, enfatizando que a leitura é muito importante e que todos precisavam aprender a gostar de ler.

A tarefa desenvolvida em sala, bem como a fala da professora demonstram que ela tenta alfabetizar, na perspectiva do letramento, mas poderia ampliar as questões, a fim de que



as crianças se motivassem e desenvolvessem o gosto pela leitura. Durante o período de observação, deixou-se de presenciar atividades lúdicas para estimular a leitura, como: a contação de histórias, o teatro de fantoche, a caixa de contar histórias, entre outras que poderiam fazer com que os alunos sentissem prazer em ler.

Ouvir histórias é uma experiência agradável e proveitosa, sob diversos pontos de vista. Mesmo que, eventualmente, alguma palavra não seja compreendida pela criança, o importante é que ela seja capaz de seguir o fio da história, que a leitura lhe dê prazer, que a faça pensar, faça sonhar. Esta é a maior riqueza da literatura infantil. (CARVALHO, 2005, p.88)

Durante a aula da disciplina de Ensino Religioso, realizada no dia trinta e um de agosto, a professora propôs aos alunos a produção coletiva de uma oração para os amigos. Nessa tarefa, os alunos falavam e a professora escrevia, no quadro, e explicava as adequações em relação às frases repetidas e às normas gramaticais. Frequentemente perguntava aos alunos sobre a regra gramatical de algumas palavras que haviam sido estudadas e sobre a pontuação necessária à organização do texto. Ao mesmo tempo em que produzia o texto, também avaliava o processo de aprendizagem dos alunos. No final da tarefa, os alunos leram a oração produzida e, em seguida, escreveram-na no caderno. Essa tarefa comunga com os dizeres de Carvalho (2005), quando enfatiza que:

Seja qual for o tipo de turma, textos orais produzidos pelas crianças e escritos pelo (a) professor (a) no bloco também podem servir de ponto de partida para o trabalho de alfabetização. No entanto, eles devem ser adaptados para atenderem as normas da língua escrita, pois aquilo que se fala raramente pode ser escrito tal qual o que se escreve. A professora fará as modificações que julgar necessárias, apontando para as crianças o que foi mudado e por quê. (CARVALHO, 2005, p.54)

Além das tarefas pontuadas, a professora trazia pequenos textos, palavras cruzadas e produção de frases para ensinar as regras gramáticas de palavras com: qu e g; c e ç, entre outras. Essas tarefas tendiam mais ao ensino gramatical do que ao desenvolvimento da prática social da escrita.

Para conhecer melhor a concepção de alfabetização utilizada pela professora, perguntou-se sobre o método utilizado e ela respondeu:

Não sigo nenhuma linha de alfabetização, para mim todos os métodos têm sua contribuição, mas gosto muito da silabação e do método fônico, pois



acho essencial trabalhar a família e o som das letras. (Professora, entrevista realizada no dia 14 de setembro de 2012)

A fala da professora evidencia a pouca clareza teórica sobre os métodos utilizados para alfabetizar, pois, ao mesmo tempo em que diz não seguir nenhuma linha teórica, afirma que faz uso da silabação e do método fônico que são característicos dos métodos sintéticos. Em relação ao uso de métodos na alfabetização, Carvalho (2005) afirma que:

Seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia-a-dia e procurar solução para problemas dos alunos que não acompanham. (CARVALHO, 2005, p. 46)

Isso mostra que os professores, ao escolherem um método, devem ter total conhecimento a respeito do que se propõem realizar em sua prática de ensino. Quando indagada sobre o alfabetizar letrando, a professora respondeu:

O alfabetizar letrando possibilita que o aluno, no momento da alfabetização tenha uma leitura de mundo, sendo importante trabalhar o conteúdo de interesse do aluno, partindo de sua realidade. (Professora, entrevista realizada no dia 14 de setembro de 2012).

A posição da professora mostra que está se apropriando do conceito de letramento, embora precise de uma melhor fundamentação teórica sobre o tema, pois para Soares (2006) o conceito de letramento é bastante complexo de ser explicado, pois envolve aspectos importantes da escrita e da leitura e de seus usos sociais. Em relação ao alfabetizar letrando Albuquerque e Santos dizem que é necessário:

[...] oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabética. (ALBUQUERQUE, SANTOS, 2007, p.98)

Durante a entrevista, a professora falou de sua compreensão a respeito de um aluno alfabetizado e letrado.

Um aluno está somente alfabetizado quando apenas tem o conhecimento das letras, ou seja, ele não entende uma frase quando é lida para ele e não sabe comentar algo que viu, não sabe comentar o que entendeu. E um aluno é letrado quando sabe comentar algo que viu num programa de televisão, quando ao ler, ele sabe interpretar o texto, quando apenas com o título de



uma historia ele comenta sobre o que acha que se trata a história.
(Professora, entrevista realizado no dia 14 de setembro de 2012)

Para finalizar, a professora falou sobre a possibilidade de alfabetizar os alunos por meio de textos.

Para mim é muito difícil conceber a alfabetização por meio de textos, pois é necessário que primeiro o aluno saiba as famílias silábicas e a formar palavras para depois desenvolver atividades de leitura de textos. Pode-se, às vezes, perguntar o que entenderam de uma história lida para eles, sem que saibam ler, mas isso só funciona com alunos que são mais falantes, para os que são mais reservados isso não funciona muito bem. (Professora, entrevista realizada no dia 14 de setembro de 2012)

A primeira resposta evidencia que a professora tem uma ideia do que seja o letramento, mas a resposta seguinte mostra certa contradição com a prática adotada no processo de alfabetização dos alunos. Essa forma de pensar comunga com o que afirmam Maciel e Lúcio (2009) sobre a concepção de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática na aula:

Não é raro observamos professores que consideram necessária a interação com diferentes gêneros textuais na formação do leitor/escritor competente, mas que, na sala de aula, recorrem basicamente a pseudotextos no trabalho de alfabetização [...] muitos professores ainda acreditam que somente após o processo da alfabetização é que deve ser iniciado o processo de letramento, ou seja, que para se tornar letrado, é preciso, primeiramente, adquirir a tecnologia da escrita. (MACIEL; LÚCIO, 2009, p.17)

Freire (1996) também destaca essa questão, ao dizer que é fundamental que os professores tenham clareza da metodologia de ensino utilizada e de seus objetivos, para evitar contradição entre a teoria e a prática. Para modificar a prática, é importante ter a mente aberta para os novos conhecimentos e que o professor seja um constante pesquisador, pois dificilmente se pode pensar em um bom ensino sem pesquisa, já que esta possibilita o avanço do conhecimento.

Confirma-se, assim, a hipótese levantada de que na sala de aula existe uma tentativa, por parte do professor, em realizar tarefas que visam ao letramento, mas que ainda necessita de uma melhor compreensão a respeito das teorias e de como desenvolver atividades que possibilitem o uso social da leitura e da escrita por parte dos alunos.



Assim, é pertinente lembrar que os professores devem estar em constante formação, a fim de que possam ler, apreender e desenvolver outras metodologias de ensino que proporcionem, ao mesmo tempo, a apropriação da escrita e da leitura, aliada às práticas sociais. Para isso, faz-se necessário desenvolver atividades com vários gêneros textuais, mesmo na fase inicial da alfabetização, para que o aluno compreenda que a escrita é de uso social e não apenas escolar.

Em relação às mudanças que ocorrem no processo de alfabetização, é necessário ratificar a importância dos cursos de Pedagogia, na formação de educadores capacitados para atuar na alfabetização das crianças, de forma que elas façam uso social do que aprendem na escola. Além disso, os gestores públicos também precisam assumir o compromisso de desencadear políticas para a formação continuada de todos os profissionais da educação e estes devem se responsabilizar pela continuidade de sua formação, a fim de que possam desempenhar um ensino de qualidade para todos.

Compreende-se, por fim, que as discussões em relação ao alfabetizar letrando têm ocorrido, em nível nacional, pois é uma proposta mais completa e inovadora de alfabetização. Porém, tem-se a consciência dos desafios enfrentados pelas políticas públicas e pelos profissionais da educação que estão diretamente em contato com o processo de alfabetização e da diversidade presente em sala de aula. Acredita-se que é imprescindível alfabetizar a todos, uma vez que a escola tem a função de preparar o sujeito para uma sociedade cada vez mais exigente e que requer o domínio dos conhecimentos produzidos historicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz, MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bâ-bê-bi-bô-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

ESCOLA ESTADUAL DE BARRA DO GARÇAS - MT. **Projeto Político Pedagógico para o Ensino Fundamental e EJA**. 2010.



FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessário a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GALVÃO, Andréa, LEAL, Telma Ferraz. Há lugar para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes. **Alfabetização: apropriação do sistema alfabético.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola:** o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e Letramento na sala de aula.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.

MATO GROSSO, Secretaria do Estado de Educação. **Orientações Curriculares:** Área de Linguagens: Educação Básica. Cuiabá: Defanti, 2012.

PAIVA, Aparecida; RODRIGUE; S, Paula Cristina de Almeida. Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e Letramento na sala de aula.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: CEALE, 2009. SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006